

Mulheres Imigrantes, Resistências e/ou Direitos

Estefânia Silva^{1,2}, Conceição Nogueira³ e Sofia Neves^{1,2}

1. Instituto Universitário da Maia

2. Centro Interdisciplinar de Estudos de Género -ISCSP-UL

3. Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação – UP

Resumo

A ausência de uma participação equitativa na vida familiar, pessoal e profissional pode conduzir à vivência de emoções e sentimentos de sobrecarga com implicações negativas para a vida das mulheres imigrantes. Assumindo a estreita relação entre a desigualdade, conciliação e a feminização das migrações, esta comunicação apresenta e discute os resultados de um estudo qualitativo que procurou caracterizar e analisar as vivências e os discursos de mulheres imigrantes acerca da conciliação da vida pessoal, familiar e profissional. Para tal, partimos da análise de entrevistas semiestruturadas e de registos individuais, realizadas a 30 mulheres imigrantes de nacionalidades brasileira, cabo-verdiana e ucraniana a residir em Portugal. Os resultados mostram como as mulheres imigrantes estão sujeitas a diferentes formas de violência de género e de discriminação nos espaços onde circulam: familiar, pessoal e profissional, e como são empurradas para processos de exclusão social e mundos de precariedade que limitam o acesso a serviços de apoio e ao reconhecimento dos seus direitos. Tornar visível estas e outras vulnerabilidades é essencial na definição de um plano interventivo que possa responder adequadamente às necessidades das mulheres imigrantes.

Palavras-Chave: Violência, Migrações, Mulheres, Direitos, Conciliação

Introdução

O estudo das migrações tem sido uma temática que tem vindo a incrementar grande atenção e interesse nas ciências sociais e humanas, mas também ao nível da comunidade e da sociedade. Numa primeira fase, a comunidade científica sustentava a análise das migrações a partir das características da migração masculina (Peixoto et al.,2006), permanecendo a imigração feminina oculta durante largos anos. O interesse científico pela imigração feminina, surge em finais da década de 70 e início da década de 80, na sequência de um conjunto de transformações políticas e sociais e do desenvolvimento das abordagens feministas no contexto das ciências sociais, que dão conta da subestimação do número de mulheres imigrantes nas abordagens e teorias das migrações (Brettell, 2000; Chant, 1992; Kofman et al., 2000; Morokvasic, 1984).

Ainda que, nos últimos anos, seja possível identificar em Portugal alguns estudos sobre a imigração feminina que mostram os percursos de vida das mulheres imigrantes quando estas decidem cruzar fronteiras (Hellermann, 2004; Miranda, 2009; Peixoto, 2005; Perista, 1998; Sertório & Pereira, 2004; Wall, Nunes & Matias, 2005), nem sempre estes se dedicam sistematicamente a esta problemática e analisam o género como categoria analítica das migrações.

Os dados oficiais do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2017) indicam que a imigração feminina representa 51,2% do número total de imigrantes, acompanhando Portugal a tendência da *feminização* das migrações (Castles & Miller, 2003), contribuindo as mulheres imigrantes para a economia e demografia portuguesa (Oliveira & Gomes, 2017). Daí que, sendo as migrações processos genderizados (Nolin, 2006), as leituras dispersas ou fragmentadas do fenómeno perpetuam uma visão homogénea da realidade migratória que vulnerabiliza as mulheres, acentua as assimetrias e limita o desenvolvimento de programas de intervenção adequados (Neves, Nogueira, Silva & Topa, 2016).

Deste modo, procurando colmatar a escassez de estudos sobre as questões da conciliação da vida pessoal, familiar e profissional das mulheres imigrantes em Portugal, a presente comunicação procurará dar a conhecer os resultados de uma investigação qualitativa que teve como objetivo caracterizar as vivências e os discursos de mulheres imigrantes em Portugal, no que concerne às questões da conciliação.

Estudo Empírico

O nosso estudo teve como orientação as seguintes questões de investigação:

- Como as mulheres imigrantes constroem significado das suas experiências de conciliação entre a vida pessoal, familiar e profissional?
- Como as mulheres imigrantes fazem uso dos seus tempos?

Participantes

O presente estudo contou com a participação de 30 mulheres imigrantes das três nacionalidades mais representativas em Portugal (SEF, 2017) a residir na zona norte do país. Do total das participantes, 10 eram de nacionalidade brasileira com uma média de idades de 38 anos e uma média de permanência no país de 9,5 anos, 10 eram de nacionalidade cabo-verdiana com uma média de idades de 36 anos e de permanência de 12,8 anos e 10 mulheres eram de nacionalidade ucraniana com uma média de idades de 35,1 anos e com uma média de permanência de 9,1 anos. Com exceção de uma mulher, todas as restantes se encontravam em situação regular, exerciam uma ocupação laboral e eram mães de filhos/as numa faixa etária inferior aos 12 anos de idade. Todas as mulheres eram casadas ou viviam em união de facto e todas compreendiam e falavam a língua portuguesa.

Instrumentos

Para a recolha de dados foram administrados uma entrevista semi-estruturada e um registo individual de utilização do tempo construídos para esta investigação, com base numa revisão da literatura especializada sobre a temática e pela realização e análise das entrevistas feitas a técnicos/as que trabalham diretamente com população imigrante.

Entrevista semi-estruturada

O guião desta entrevista é constituído por 12 blocos de análise que procuraram explorar as motivações para o processo migratório; avaliar as características da vida familiar, no que concerne às tarefas domésticas e aos cuidados com os filhos; perceber as vivências do relacionamento conjugal; compreender a trajetória laboral e as estratégias adotadas para um maior equilíbrio na relação entre o trabalho, a família e a vida pessoal; analisar a forma como as mulheres imigrantes utilizam o seu tempo livre; e descrição das melhores cenas e desafios. O guião procurou explorar livremente o pensamento da participante.

Registo individual de utilização do tempo

O registo individual de utilização do tempo é constituído por um diário acerca do tempo despendido nas diferentes atividades expresso em termos de duração (horas) ao longo do dia, durante 7 dias. O registo permitiu avaliar os diferentes usos do tempo para as mulheres imigrantes e seus companheiros.

Resultados e Discussão

Nesta comunicação, e de forma a sermos rigorosos com o cumprimentos do tempo, serão apresentados os dados cujos resultados se afiguraram mais expressivos do ponto de vista da sua relevância social e científica e que se apresentam como comuns às três nacionalidades, sendo analisados segundo uma metodologia de análise temática (Braun & Clarke, 2006).

Os resultados mostram que as mulheres imigrantes confrontam-se com infindos obstáculos e resistências no contacto com a sociedade recetora que comprometem uma integração efetiva. Estas mulheres confrontam-se com mensagens estereotipadas, situações de discriminação e experiências de assédio que acentuam a hostilidade que vivenciam e estão sujeitas (Marques & Góis, 2012) com repercussões ao nível familiar, pessoal e profissional, multiplicando-se os marcadores de exclusão e opressão por ser-se mulher, imigrante e a sua nacionalidade (Fernandes, 2013). Perante os discursos destas mulheres, a experiência migratória envolve, ainda, outras perdas relatadas pelas diferenças culturais, linguísticas e climatéricas e o afastamento da família.

No que à vivência da maternidade diz respeito, os resultados mostram que, embora se verifique uma maior partilha nos cuidados, predominam ainda situações em que são as mulheres a assumirem o papel de principais cuidadoras, interrompendo ou abandonando o seu percurso profissional de forma a conseguirem conciliar as responsabilidades familiares (Perista, 1998). As barreiras encontradas ao nível da aquisição a equipamentos de apoio à infância e ao nível laboral, pela incompreensão das entidades patronais para situações de acompanhamento médico aos/às filhos/as, colocam as mulheres imigrantes, muitas das vezes, sem alternativas, o que gera nestas mulheres sentimentos de tensão e pressão que se agudizam pela ausência de suporte familiar e que constitui um obstáculo à paridade na situação profissional e ao reequilíbrio na conciliação (Guerreiro & Pereira, 2006).

Ao nível do espaço doméstico, assiste-se a uma reduzida divisão e partilha das tarefas domésticas, assumindo os companheiros neste espaço um papel de ajuda do que propriamente de responsabilidade e dever, evidenciando as mulheres imigrantes, uma sensação de maior sobrecarga, acentuando-se, desta forma, no país recetor a dupla jornada de trabalho (França & Shimansky, 2009). Verifica-se, também, que a tentativa de partilhar as responsabilidades familiares e os horários laborais noturnos funcionam como gatilho para os

conflitos conjugais e que a violência surge como figurante no palco familiar, em que muitas das vezes a condição de imigrante não proporciona outro tipo de saída para estas mulheres.

Em Portugal, a inserção no mercado de trabalho não qualificado representa ser a primeira experiência destas mulheres. Ingressam em áreas consideradas tipicamente femininas, exercendo funções na área da restauração, comércio e setor têxtil (Amâncio, 2003). O não reconhecimento das suas qualificações impede-as de desempenharem funções afins às suas qualificações e no exercício da suas funções, estão sujeitas a horários laborais atípicos, trabalhos de fim de semana ou por turnos com horas excessivas e em horários irregulares, que por vezes não são pagas e que interferem com a gestão dos papéis familiares (Moreno-Jiménez & Rodriguez, 2012). As mulheres, em especial, as trabalhadoras do setor têxtil, são acompanhadas por sentimentos de pressão e stress profissional, sendo frequente, a transferência destas emoções para a vida familiar e levando-as a sentirem-se numa guerra constante.

Nesta trajetória profissional, deparamo-nos, ainda com um cenário de vivências discriminatórias pelo facto de serem mulheres e por serem imigrantes, onde se assiste à violação dos seus direitos no que às questões da maternidade diz respeito. Se se verifica, para as mulheres brasileiras a não dispensa de horário para a amamentação, as mulheres cabo-verdianas e ucranianas são mantidas na execução de trabalhos que exigem bastante esforço físico, desconhecendo muitas das vezes os seus reais direitos e não acreditando que possam ser respeitadas como cidadãs de pleno direito, onde a resignação surge como a melhor solução.

Reflexões finais

Pelos resultados apresentados, concluiu-se que as tarefas e os cuidados à família assumem ser o principal espaço de ocupação do tempo para as mulheres imigrantes, o que condiciona e limita o acesso a outros círculos de socialização (Silva, 2015). Deste modo, realçamos a

ausência de apoios familiares que as mulheres imigrantes estão sujeitas no país recetor, dependendo, por isso, totalmente de serviços escolares e de equipamentos de apoio à infância que assegurem a guarda e os cuidados às crianças num horário contínuo, revelando este um dos aspetos de maior vulnerabilidade para as mulheres imigrantes. As barreiras sociais, familiares e profissionais encontradas por estas mulheres reforçam o silenciamento das suas vozes o que potencia o aumento da vulnerabilidade a que estão sujeitas. Se a inserção profissional constitui um dos eixos fundamentais no processo de integração de qualquer sociedade recetora (Malheiros, Padilla & Rodrigues, 2010), torna-se necessário evitar práticas de atuação discriminatórias e enviesadas daquilo que a lei prevê. Encontramos, também, no relato das mulheres imigrantes, um desconhecimento acerca dos seus direitos e de como agir perante as discriminações e desigualdades. Deste modo, e tendo em conta o carácter pluridimensional da conciliação, consideramos que um diálogo intercultural que assente no princípio da igualdade, da justiça, da liberdade e da participação deve ter em conta as próprias especificidades de cada grupo, tornando-se premente que a orientação política, os serviços e as intervenções tenham em atenção as diferenças culturais. Urge, ainda, desenvolver nestas mulheres uma consciência crítica que seja capaz de derrubar as resistentes paredes que dividem os diferentes espaços pessoal, familiar e profissional e permitir (des)ocultar as práticas que reforçam a subordinação. Possibilitar-lhes vivenciar a democracia em espaços quotidianos e informais, incentivar a sua participação na vida social e associativa, permitir que disponham de um tempo para tornar as suas vozes audíveis é contribuir para seu o empoderamento e autonomia necessária.

Referências

- Amâncio, Lúcia (2003). O género no discurso das ciências sociais. *Análise Social*, 168, 687-174.
- Braun, Virginia & Clarke, Victoria (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101.

- Brettell, C. B. (2000). Theorizing migration in anthropology: the social construction of networks, identities, communities and globalscapes. In C.B. Brettell & J.F. Hollifield (Eds.), *Migration Theory* (pp. 97-135). Londres: Routledge.
- Castles, Stephen & Miller, Mark (2003). *The Age of Migration*. New York: Guildford Press.
- Chant, S. (1992). *Selective migration, gender and migration in developing countries*. Londres: Belhaven Press.
- Fernandes, Danubia (2013). Representações da diferença: a mulher brasileira migrante na mídia impressa da Europa. *Anuario Americanista Europeo*, 11, 217-237. Retirado de <http://www.red-redial.net/revista/anuario-americanista-europeo/article/viewFile/205/258>
- França, Ana Letícia & Shimansky, Édina (2009). Mulher, Trabalho e Família: Uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. *Emancipação*, 9(1), 65-78.
- Guerreiro, Maria das Dores & Pereira, Inês (2006). *Responsabilidade Social das Empresas, Igualdade e Conciliação Trabalho-Família: Experiências do Prémio Igualdade é Qualidade*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Hellermann, Christiane (2004). Uma relação difícil? Mulheres Imigrantes da Europa de Leste e redes sociais. In Dinâmicas multiculturais. Novas faces, outros olhares. Congresso Luso-Afro-Brasileiro. Instituto de Ciências Sociais.
- Kofman, Eleonore et al. (2000). *Gender and International Migration In Europe: employment, welfare and politics*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Malheiros, Jorge, Padilla, Beatriz & Rodrigues, Frederica (2010). *Mulheres Imigrantes Empreendedoras*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Marques, José & Góis, Pedro (2012). *A Emergência das Migrações no Feminino – Feminização das migrações de (e para) Portugal e suas consequências sociopolíticas*. Cascais: Princípia.

- Miranda, Joana (2009) *Mulheres Imigrantes em Portugal: Memórias, Dificuldades de Integração e Projectos de Vida*. Lisboa, ACIDI.
- Moreno-Jiménez, Pilar & Rodríguez, Luísa (2012). “Sin nosotras el mundo no se mueve”- Mujeres inmigrantes en el context laboral español. *Athenea Digital*, 12(2), 3-31.
- Morokvasic, Mirjana (1984) Bird of Passage are also Women. *International Migration Review* 18 (4):886-907.
- Neves, Sofia, Nogueira, Conceição, Silva, Estefânia, & Topa, Joana (2016) Mulheres Imigrantes em Portugal: uma análise de género. *Revista Estudos de Psicologia* 33(4).
- Oliveira, Catarina & Gomes, Natália (2017). *Indicadores de Investigação de Imigrantes: Relatório Estatístico Anual*. Lisboa: ACM.
- Peixoto, João, et al. (2006) *Mulheres Imigrantes: Percursos Laborais e Modos de Inserção Socioeconómica das Imigrantes em Portugal*. Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão – Universidade Técnica de Lisboa.
- Perista, Heloísa (1998) Mulheres em Diáspora na União Europeia: percursos migratórios e trajectórias profissionais e familiares. *Revista Crítica de Ciências Sociais* 50:153-164.
- SEF-Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2017) *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo - 2017*. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- Sertório, Elsa & Pereira, Filipa (2004). *Mulheres Imigrantes*. Lisboa: Ela por Ela.
- Silva, Estefânia (2015) *Conciliação pessoal, familiar e profissional de mulheres imigrantes residentes no distrito de Braga* (Tese de Doutoramento). Braga: Universidade do Minho.
- Wall, Karin, Nunes, Cátia & Matias, Ana (2005). *Immigrant Women In Portugal: migration trajectories, main problems and policies*. Institute of Social Sciences: University of Lisbon.